

**Novos Tempos,
Velhas Recomendações
Sobre a Função Analítica (1912-2012)
Freud – 100 anos depois**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira - UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

**Novos Tempos,
Velhas Recomendações
Sobre a Função Analítica (1912-2012)
Freud – 100 anos depois**

**Ignácio Alves Paim Filho
Lisia Coelho Leite**



Editora Sulina

© Autores, 2012

Capa: Letícia Lampert
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto
Editoração: Clo Sbardelotto
Revisão: Gabriela Koza
Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

P143n Paim Filho, Ignácio Alves
Novos tempos, velhas recomendações sobre a função analítica
(1912-2012): Freud – 100 anos depois / Ignácio Alves Paim Filho,
Lisia Coelho Leite. – Porto Alegre: Sulina, 2012.
152 p.

ISBN: 978-85-205-0655-4

1. Psicanálise. 2. Sistemas Psicanalíticos. 3. Freud – Análise.
I. Leite, Lisia Coelho. II. Título.

CDD: 150.195
CDU: 159.964.2
616.891

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.
Av. Osvaldo Aranha, 440 – Conj. 101
CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS
Tel.: (51) 3311-4082 – Fax: (51) 3264-4194
sulina@editorasulina.com.br
www.editorasulina.com.br

Junho/2012
Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

AGRADECIMENTOS

A instigante tarefa da escrita requer de todo o autor o desejo de haver-se com o mundo conhecido/desconhecido dos seus pensamentos. Dispondo-se a tolerar e, ao mesmo tempo, indignar-se com a ausência das palavras, de um saber que denuncia um não saber. Ausência que gera desconforto, mas, se tudo correr medianamente bem, propicia o estímulo necessário para o trabalho psíquico da construção da autoria. Autoria que nos confronta com nossa velha porém sempre nova castração.

Castração que, ao conquistar o *status* simbólico, limita o desejo narcísico e abre as portas para o desejo edípico. Parece-nos que nesse trâmite entre Narciso e Édipo é que nasce e se desenvolve a arte sublimatória da escrita. Sendo assim, visando romper com a dualidade, vimo-nos estimulados a convocar um terceiro. Essa nova configuração produziu discussões acaloradas e muitas vezes apaixonadas, mas que resultou na possibilidade de revermos várias de nossas certezas. Processo de extrema valia, que nos foi propiciado pela disponibilidade dos colegas que convidamos para o conselho editorial: Ana Lucia Santos; Denise Hausen; Júlio Campos e Leonardo Francischelli, que foram nossos interlocutores. Para vocês deixamos inscrito, para possíveis retranscrições, nossos agradecimentos.

Dando continuidade ao processo de ruptura e síntese na nossa produção textual, agradecemos e assinalamos nossa dívida eterna com: nossos analisandos, que nos permitiram acompanhar-lhes em sua viagem pelos caminhos inquietantes do inconsciente; nossos supervisionandos, por terem compartilhado

conosco seus vigorosos questionamentos; e nossos colegas em formação, que como sabemos é interminável, por fomentar o desejo de rever as mesmas coisas e, com isso, nos viabilizando o desvendar surpreendente de significações até então não pensadas.

Agradecemos aos nossos mestres, que no decorrer de tantos anos nos inquietaram produzindo dúvidas, que ainda pulsam, mantendo-nos vitalizados e desejanos.

Por outro lado, o árduo e prazeroso desafio de transformar imagens – ideias – palavras em narrativas escritas a quatro mãos não poderia acontecer se não tivéssemos tido o apoio “in-condicional” de outros dois pares de mãos. Nossa parceria, na elaboração desse livro, esteve acompanhada pelas dedicações participativas, amorosas e por vezes analíticas de nossos companheiros de inúmeras jornadas: Ilos e Claudia. A vocês dedicamos este livro.

A nossos filhos, Ilos e Pedro; Gabriel e Augusto, matéria-prima do estímulo à criação, que estiveram sempre atuantes em nossas aventuras e desventuras na busca de um fazer comprometido com a singularidade em nosso ofício como pais, analistas e agora como possíveis escritores, nosso especial agradecimento.

Finalizando, agradecemos a Freud e a psicanálise, por terem nos propiciado a descoberta do fascinante universo que se abre para o sujeito, na medida em que o seu inconsciente com sua força pulsional pode ser (re)conhecido e, por consequência, interrogado.

E ainda, àqueles que da maneira realmente essencial “inscreveram”, em nós, a psicanálise como um ideal: nossos amores de transferência Francischelli e Júlio, mais uma vez, e sempre, obrigado.

A todos vocês a nossa gratidão.

SUMÁRIO

Prefácio	9
----------------	---

Introdução

Por que e para que rever as recomendações freudianas 100 anos depois	17
---	----

Refletindo as recomendações

Capítulo I. Novos Tempos, Velhas Recomendações	25
(Uma introdução metapsicológica)	
Capítulo II. Novos Tempos, Velhas Recomendações I	36
(Sobre a função analítica)	
Capítulo III. Novos Tempos, Velhas Recomendações II	49
(Função analítica: função de escuta)	
Capítulo IV. Novos Tempos, Velhas Recomendações III	63
(Função analítica: fazer trabalhar o amor “transforma-dor”)	
Capítulo V. Novos Tempos, Velhas Recomendações IV	79
(Função analítica: da interpretação à construção da regra fundamental)	

Alguns apontamentos sobre as recomendações

Capítulo VI. Recomendações aos que exercem
a psicanálise e os desafios da contemporaneidade 93

Capítulo VII. Novos Tempos, Tempo de Recomendar!
Ética e função analítica 119

Pós-escrito: à guisa de recomendação

Capítulo VIII. Freud, um pensador de todos os tempos 129
(Uma cronologia)

Referências 144

PREFÁCIO

Ao ler os textos de L. Leite e I. Paim sobre “Novos tempos, velhas recomendações sobre a função analítica”, vivi momentos de puro prazer, pois encontrar jovens analistas apaixonados por S. Freud nesses tempos bicudos me produziu uma alegria juvenil. Desejo, aos futuros leitores dessa obra, o mesmo destino, isto é, a mesma emoção adolescente.

Outra grande emoção que me despertou a leitura da obra desses autores é a liberdade de pensamento que eles desenvolvem em todo o percurso do texto. Não são meros compiladores das palavras ou dos conceitos freudianos, tratando de ordená-los sob outra forma. Não. Ainda que muito ligados, transferidos com a obra construída por Freud, apresentam a cada momento suas ideias ou mesmo novos conceitos a partir do legado que nos deixou o criador da psicanálise.

Entendo que essa característica desses autores é uma marca que precisa ser destacada e é de suma importância diante do mar de reproduções que estamos habituados a encontrar na literatura psicanalítica. Faço essa afirmação forte porque nossa época não carece de imitadores, e o século XXI se apresenta cheio de incógnitas para os praticantes da psicanálise.

Ainda que concorde com os autores que, se há crise em nosso campo, ela não procede do nosso arsenal teórico-clínico, e sim das cabeças dos analistas que, mesmo cem anos depois do invento da *talk cure*, não acreditam na potencialidade do método freudiano, mas que a medicação é a solução para males da alma, por exemplo. Penso que essa crise advém, também, do pouco

conhecimento dos ensinamentos postulados por Freud ou mesmo dos possíveis desvios que sua obra sofreu ao longo do percurso temporal.

Toda essa minha declaração amorosa a esses autores não implica que não tenha nenhuma discordância com alguns dos itinerários novos que eles nos propõem a partir de Freud. Nada disso. Tenho sim. Alguns pontos de vista que não fecham muito com os deles, porém isso importa pouco na perspectiva que, o que estou louvando, é a criação desses escritores que se autorizam a construir novas hipóteses para nossa contemporaneidade. É nisso que assume todo o valor à produção dos colegas. É óbvio que se compreenda que não cabe aqui apresentar essas discordâncias, só pontuá-las, para que o leitor tome conhecimento desse pensar diferente com os autores da obra.

Outro aspecto que gostaria de colocar para o nosso leitor é que os colegas estão inquietos com as patologias do tempo presente. Eles mergulham em Freud para pescarem novas ferramentas, novos instrumentos para trabalharem no século XXI, e isso não é pouca coisa; simplesmente revitaliza nossas “armas” terapêuticas para os avatares das desmedidas narcísicas da sociedade de consumo, onde o comprar sem fim leva ao encontro de um vazio sem limites.

A revisita a Freud começa através da feiticeira, ou melhor, pela metapsicologia, que não deixa de ser uma bela porta de entrada para explorar a fertilidade freudiana. A *verdrangung*, a nossa conhecida “repressão”, é a palavra de ordem para começar a nadar os mares de Freud. E, olha, a pescaria é de boa qualidade. Seguramente, porque, como dizia acima, não houve “repressão” do pensar dos autores.

Talvez não houvesse outro lugar de partida, pois a ontogênese do inconsciente é tributária do recalque ou não? Contudo, logo em seguida nos encontramos com uma afirmação forte

que reza: “que o recalçamento não funda o aparato psíquico”. Representa, sem dúvidas, uma ideia vigorosa. É isso que agrada no trabalho dos autores; eles não estão para brincadeiras, vão fundo em sua viagem metapsicológica. Em resumidas palavras, são colocadas em um jogo dinâmico a *urverdrangung* com a *verdrangung*, passando pelo tempo mítico.

Seguem-se quatro capítulos que perfazem o corpo do livro. Cada um deles sobre uma temática particular. Penso que uma frase-proposta pode resumir o primeiro ponto: “a função analítica está ancorada na função paterna, vindo a estabelecer-se na medida em que houver um percurso da heteronomia para a autonomia”. Nesse mesmo segmento vai aparecer a inquietude dos autores com o “desejo do analista”, tema da maior relevância nos tempos que correm. Afinal, é com desejo ou sem desejo do analista? É com neutralidade ou sem neutralidade do psicanalista? Existe, efetivamente, algo disso em psicanálise?

Chegamos ao ponto dois, onde os autores examinam os romances clínicos de Freud como *Emmy Von N.*, *Dora*, *Homem dos Ratos* e *Homem dos Lobos*, onde se questionaram o que é a “Escuta Analítica”, com maiúsculas para marcar com ferro e fogo o que ela significa para o psicanalista. Poderíamos sustentar que a escuta do psicanalista é ouvir a verdade que está no outro, não a que está nele. Como diz o Gil, Gilberto, “quem sabe de mim sou eu”. O exemplo clássico quem nos dá é *Emmy Von N.* quando solicita ao seu analista Freud: – “para de me perguntar” –, como quem diz: “quem sabe de mim sou eu”. Nesse contexto de como trabalha um psicanalista, nossos colegas fazem propostas para a escuta das patologias da nossa modernidade líquida, como sustenta Baumann.

“Qual o espaço que a transferência ocupa na clínica atual?” Essa pergunta inaugura o capítulo três. Ela, a pergunta, parece absurda, visto que sem transferência não existe análise.

Sempre dizemos que é a palavra que cura, de acordo, porém, sempre e quando acrescentarmos isso: – a palavra em transferência. Sem esse detalhe a sala de análise não funciona. É, como dizem os autores, um outro *shibboleth* da psicanálise. Com maior vigência hoje que antes, na medida em que a pessoa real do analista vem ocupando um lugar cada vez mais proeminente no *setting* analítico, e não um personagem que será investido com a fantasmagoria do analisando. Acreditamos que mereça um destaque a seguinte afirmação deste trecho do livro: “Deixando-nos levar pelo flutuar de nossos pensamentos, teríamos estabelecido que a contratransferência do analista é uma resistência”. Isso seria outra razão para o leitor se interessar por este livro, já que essa questão é uma das mais polêmicas no cenário da técnica, onde a transferência é o motor da cura.

Ludwig Börne dá a partida inicial ao último artigo que, com os demais, formará o quarteto, miolo do corpo central da obra. Chama minha atenção o resgate de Börne nesse contexto do trabalho dos colegas. Como sabemos, Ludwig é aquele escritor que Freud admira, não sei se pelo seu talento ou porque tinha uma receita de como alguém poderia se tornar um escritor. Aliás, por isso ou pelo seu natural talento aliado à sua grande cultura. Freud, além do pesquisador incansável do interior humano, transformou-se em um grande escritor. Já marcamos essa qualidade quando falamos de seus “romances clínicos”.

Contudo, o texto explora a dinâmica, o jogo entre a interpretação e a construção na clínica de cada dia.

“Nessas situações a palavra terá que ser construída no encontro dos inconscientes recalcado e não recalcado da dupla analítica”, dizem os autores, que nós acrescentamos, no cenário edípico da sala analítica.

Fizemos um pequeno recorte pela obra dos autores, pontuando o desejo do analista, a função da escuta, os problemas co-

nectados com a transferência e a dialética da interpretação *versus* a construção. Sem dúvida, conceitos cruciais para nossa época das patologias “modernas” líquidas do nosso tempo. É verdade que isso não esgota a riqueza de “Novos tempos, velhas recomendações”. Ao contrário, esperamos que apenas sirva de estímulos ao novo leitor para que se embrenhe no interior da obra e encontre ali os tesouros teórico-clínicos submergidos.

Beethoven em sua singular produção incluiu alguns quartetos que alcançaram expressão notável dentro do universo musical do seu tempo, projetando a qualidade da sua música a níveis antes nunca alcançados. Pois bem, em “Novos tempos, velhas recomendações”, encontramos o famoso quarteto final da obra freudiana que também atinge alturas até então não transitadas. Dentro do armário do livro, esse quarteto nos é apresentado como a quarta e última virada na elaboração teórica-técnica-clínica freudiana, colocado como sua derradeira observação às novas gerações de analistas.

Obviamente, não deixa de ser uma forma original de nos apresentar o testamento final de Freud. Esse texto recebe o título de “Recomendações aos que Exercem a Psicanálise e os Desafios da Contemporaneidade”, que vai concluir, é tempo de concluir, com “Novos Tempos, Tempo de Recomendar! Ética e Função Analítica”, que trazem as assinaturas individuais dos autores. Depois de tudo isso, ainda, temos de sobremesa, “Freud o Pensador de Todos os Tempos”, onde nos brindam com uma cronologia freudiana, também marcada com um estilo inovador.

Diria, em uma palavra, que o trabalho dos colegas é puro Freud. Ainda que visitem outros autores, entre eles alguns latino-americanos, como Marucco, Mezan e Pelegrino, deixo de fora dessa relação Nasio, argentino, mas consagrado no velho continente como um importante teórico atual da psicanálise.

Recolho a forte impressão da leitura do trabalho dos jovens colegas, que eles transitaram, fizeram a trilha freudiana com muita dedicação. Além disso, como já tive a oportunidade de salientar, com muita liberdade, ou seja, não ficaram cativos do mestre, foram capazes de ir além, construir novos conceitos e isso foi o que saudei com alegria.

Dentro dessa mesma linha, esses jovens escritores de uma psicanálise para os novos tempos aportaram o valor dos velhos *shibboleths* que solidificaram o edifício analítico e que, se os esquecermos, nossa construção de cem anos poderá ruir como um castelo de areia. Por tudo vale a leitura desse texto conciso, que não faz nenhuma concessão comprometida com facilidades. Pelo contrário, dentro da fidelidade devida ao fundador, criam-se novas possibilidades conceituais para digladiarmos com os narcisismos obscuros que ingressam em nossas escutas na contemporaneidade.

Um abraço e boa leitura,

L. A. Francischelli